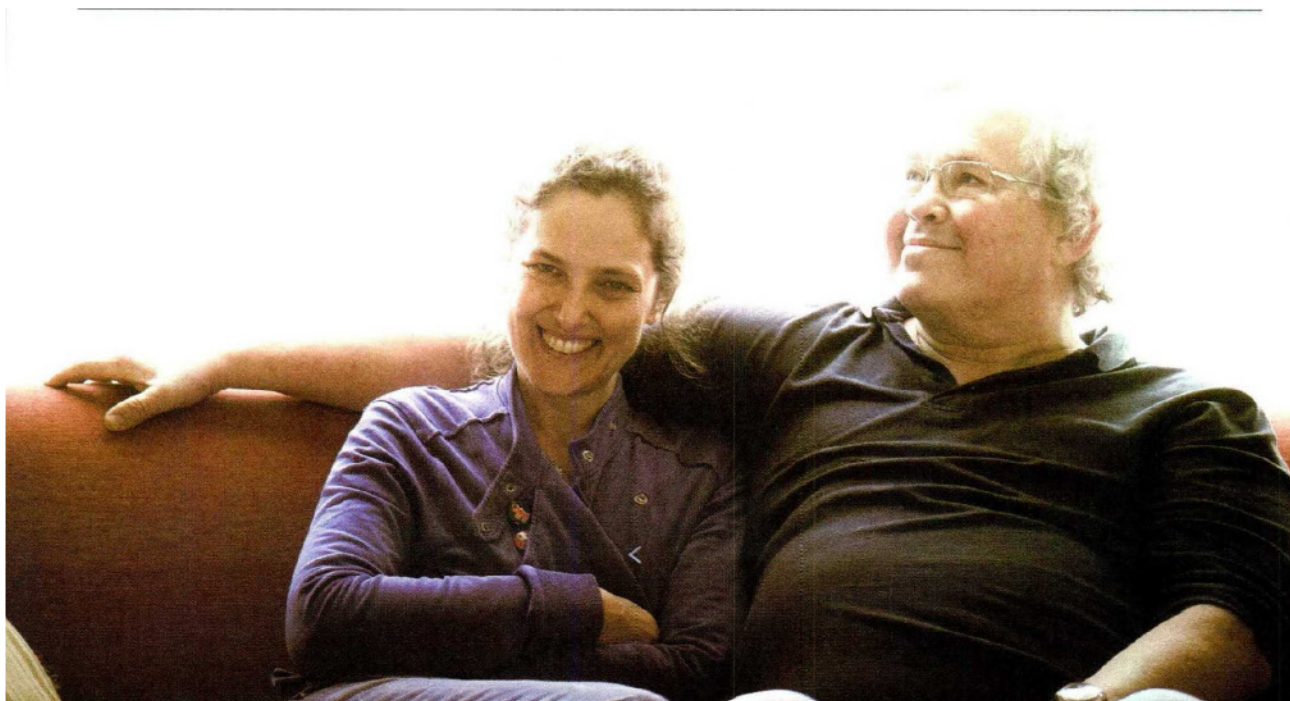


“ESTOU MUITO MAIS COMOVIDO COM A BELEZA DO MUNDO”

As asneiras ainda estão lá, mas agora o que interessa são os passarinhos. A propósito do novo livro de crônicas, *Como é Linda a Puta da Vida*, **Ana Dias Ferreira** foi até ao Hotel Palácio – uma das sugestões incluídas no tema desta semana – falar com o novo homem que é Miguel Esteves Cardoso. Um homem que aos 57 anos deixou para trás os tempos de bombista, ultrapassou quatro sustos de morte e não larga o amor da sua vida, Maria João Pinheiro, a quem dedica todos os livros e que também entra nesta conversa. Porque já nem sequer o amor é fodido. O amor é lindo. E o retrato é de **Gonçalo F. Santos**.



soas que estiveram doentes, ou de pessoas que tiveram sustos, ou de pessoas que olham para as andorinhas quando elas regressam, na Primavera. Isso interessa às pessoas. Ou seja, o que parece autobiografia pode originar aquele elogio que é o melhor que algum escritor pode receber e que é “escreveu exactamente o que eu pensava”. Por acaso quando era novo levava a mal que me dissessem isso.

Porquê?

Dizia logo: “desculpa, isto é uma criação minha, se queres falar disto vai escrever tu, porra, não sou teu secretário, teu amanuense”. Levava muito a mal e era muito malcriado, e hoje acho que é o maior elogio que se pode fazer.

MJ: Mas tu és tão livre que podes escrever sobre o que quiseres, e este livro tem isso.

Sim. O David Foster Wallace, que é um escritor que eu detestava, disse uma coisa que é típica dele, de minimizar o seu papel. Ele diz que um jornalista ou um colunista é uma pessoa que é paga para ir pensar durante imenso tempo sobre coisas que as pessoas normais não têm paciência para pensar. Isso é ele a tentar apagar-se, e não é nada assim. O que uma pessoa tenta apanhar são sensações que são universais. Quando eu escrevo sobre a minha aflicção perante o medo de perder a Maria João, as pessoas reconhecem a aflicção delas, é uma coisa colectiva.

Antes de escrever sobre a doença, que até abre o livro, houve algum momento em que tenha pensado “isto é confessional demais”, ou era impossível não escrever sobre o cancro?

Era impossível porque eu tinha de escrever todos os dias e aquilo estava-me a acontecer a mim e era a única coisa em que eu pensava. Não conseguia pensar noutras coisas.

MJ: Mas da primeira vez pediste-me.

Sim, isso tinha de perguntar, se te importavas.

Mas pensou nisso, de ser demasiado confessional?

Não, porque eu sempre fui descontraido em relação a isso. Há pessoas que detestam e acham que é *too much information* mas eu acho, tenho a convicção absoluta, que cada um de nós sabe tão pouco acerca de seja o que for, que temos mesmo de partilhar com os outros. Os meus amigos dizem-me que eu sou uma porteira porque se me contam um segredo eu conto-o a toda a gente. Mas é uma partilha de informação. Nós não temos informação suficiente e quanto mais tivermos, melhor.

A crónica então também serve para contar segredos.

E ajuda. Ajuda pessoas que não têm voz ou não têm o privilégio de escrever nalgum sítio. Essas pessoas sentem-se vingadas.

Dizem: é assim mesmo.

Aquela coisa do Facebook do

Acrescento de Milagre foi

das coisas que mais ajudou, foi extraordinário. Há uma solidariedade invisível entre nós, entre as pessoas, que só descobrimos a cada passo.

Ficou uma pessoa mais crente por causa dessa solidariedade?

Fiquei mais crente no Facebook, nas pessoas, nas paisagens, na importância dos momentos... nessas coisas.

“ Os meus amigos dizem-me que eu sou uma porteira porque se me contarem um segredo eu conto-o a toda a gente.



Como é Linda a Puta da Vida está dividido em cinco partes: “Maria João”, “A Vida aos Saltos”, “O Tempo e o que se Come nos Intervalos”, “As Coisas que nós Sabemos” e “Os Meus Passageiros Favoritos”. É um livro que fala sobre o cancro, o amor, as diferenças entre homens e mulheres, os pequenos prazeres ou o chicho-espertismo. Mas está longe do MEC que analisava os costumes nacionais. Aqui escreve-se uma carta de amor “ao melhor país do mundo” e invejam-se os gatos que descobriram o “sistema binário da existência. Que é: dormir faz fome. Comer faz sono. Acordo porque tenho fome. Adormeço porque comi. Nos intervalos, faço as necessidades.” (p.126)

Neste novo livro fala sobre o amor, o Verão, a Primavera, aproveitar o tempo, valorizar o presente, manter a esperança, ter um casamento feliz...

Isso é uma boa lista.

... e diz mesmo que é bom fazer parte do mundo e que devemos espalhar a felicidade. Vê-se como um homem mais embevecido, menos mordaz?

Sim, muito mais comovido. Embevecido sim, com as coisas, com a elegância e a beleza do mundo. E com a consciência de que isto já cá está há muito tempo, vai estar muito depois de morrer e nós só temos este momento. Quando iam para o hospital e saíamos de Colares parávamos ali na Praça de Espanha. E eu via que as pessoas – aí ou seja onde for – ficavam todas a olhar para o semáforo. Mesmo na Primavera, com a Gulbenkian ali ao lado e Lisboa cheia de passarinhos... Lisboa é uma cidade linda, porque é que as pessoas estão a olhar para um semáforo vermelho? É mesmo tempo perdido. E esse tempo ninguém

também olhava para o semáforo.

Essa mudança terá tido a ver só com essa experiência de escapar da morte ou é algo que também vem com a idade?

Com a idade uma pessoa começa a ficar mais atenta aos passarinhos e preocupada por não saber o nome das árvores. Quando se é novo não se liga à paisagem. Eu preferia a luz eléctrica e tudo fechado. O que interessava era o que se passava dentro da cabeça e o que estava nos livros. Eu achava que os livros eram uma maneira muito mais rápida de apreender o mundo. Ler um livro de um chinês sobre a China era mais rápido do que ir à China e andar para aí de mãos nos bolsos a ver a coisa. Eu tinha era pressa. Queria saber tudo sobre a China em duas horas. Desprezava aquilo do Camões, “o saber da experiência feito”. Ainda por cima ele, que escreveu tanto. Eu pensava: não me faças rir, o saber vem do ler e do ler e do ler. Eu pensava que era tudo possível através dos livros, até as árvores. Não percebia que enquanto estava a ler havia toda uma vida lá fora.

prezava aquilo do Camões, “o saber da experiência feito”. Ainda por cima ele, que escreveu tanto. Eu pensava: não me faças rir, o saber vem do ler e do ler e do ler. Eu pensava que era tudo possível através dos livros, até as árvores. Não percebia que enquanto estava a ler havia toda uma vida lá fora.

No prefácio desta nova edição d'O Amor é Fodido confessa que este foi o terceiro romance que escreveu, apesar de ter sido o primeiro a ser publicado. O que é que fez aos outros dois?

Tenho-os lá. Um escrevi-o em inglês e foi traduzido para português pela Luísa Jacobetty, é um romance grande, ainda o hei-de editar, o outro é ainda muito... é o primeiro livro, escrevi-o quando tinha 22 anos. Encontrei-o e até achava que tinha ardido.

É curioso, porque publicou três romances todos de seguida e depois nunca mais voltou à ficção.

Porque o segundo e o terceiro foram fracassos tremendos, e isso desanimou-me. O primeiro vendeu muito bem, foi um êxito,

o segundo, que deu igual trabalho, foi um fracasso absoluto, e o terceiro ainda mais, ninguém comprou.

E isso desincentivou-o de voltar à ficção?

Sim, desanimou-me bastante, mas vou voltar. É um projecto que não posso contar, mas é grandioso, é bom. É um livro crescido. Os outros são do século passado, embora eu ache que se podem ler em qualquer tempo. As pessoas que perguntam “então não está a pensar em ficção?”, eu só me apetece dizer-lhes “porque é que não compraste o

meu segundo e terceiro livros? Estão à venda”. Eu sei exactamente quantas pessoas os compraram.

Por acaso comprei O Cemitério de Raparigas.

Então foste tu. (risos)

O Acrescento de Milagre foi uma página criada no Facebook para torcer pela cura de Maria João, uma corrente solidária cujo nome nasceu de uma frase que o cronista escreveu no Público: “Nem o amor, nem a sabedoria médica a podem salvar. Só uma conjunção das duas coisas, mais um acrescento de milagre.”

devolve.

MJ: Ele vê tudo.

Eu aprendi a ver. Porque durante 50 e tal anos